

Considerações Preliminares

E no final de toda a nossa exploração chegaremos onde nós começamos e conheceremos o lugar pela primeira vez.

T. S. Eliot, *Little Gidding*, V

*Tudo passa – sofrimento, dor, sangue, fome, peste. A espada passará, mas as estrelas ainda permanecerão quando as sombras de nossa presença e nossos feitos se tiverem desvanecido da Terra. Não há homem que não saiba disso. **Por que então não voltamos nossos olhos para as estrelas? Por que ?***

Mikhail Bulgakov, *O exército Branco*

Preciso dizer, antes de começar esta tese, e já começando, que a única razão, a principal e mais premente motivação e paixão, aquilo mesmo que me incitou a iniciar o mestrado e a seguir pelo doutorado e provavelmente pela vida afora até o final, o que me levou a escrever a primeira letra deste trabalho foi precisamente a questão, para mim extremamente intrigante, da propensão humana para o sofrimento e seu anseio por se libertar dele, buscando obsessivamente o prazer e a felicidade. Intrigado pelas construções tipológicas da psicologia nietzschiana sobre o homem fraco - que só consegue sentir prazer quando sofre, e sofre porque sente-se culpado e também fascinado pela tipologia moral do homem nobre, cuja superação (*überwindung*) da culpa (má consciência ou *schlecht gewissen*) e do ressentimento abre caminho e prepara a terra para o surgimento do sobre-humano ou *übermensch* -, decidi escrever esta tese. Estimulado e apaixonado em pensar o *übermensch*, admitimos até uma certa mistificação e deslumbramento ao redor deste “conceito-limite” de Nietzsche, mas estamos cientes de tal comoção e lutamos contra tal sentimento que pode sempre nos obnubilar as idéias e comprometer nosso pensamento. Porém, jamais lutaremos contra nossa paixão pelo tema e pelo filósofo que o inspirou. Sem ela não haveria razão para viver, quanto mais escrever sobre uma concepção - o *übermensch* - que é um grito de revolta e de denúncia contra as opressões e tiranias, mas também um grito de alegria incontida com a vida. Não compreendemos como seria possível ler Nietzsche sem estar apaixonado, sem arriscar-se e colocar-se em perigo, sem experimentar, sem transformar-se. Compreender Nietzsche é ser apanhado de surpresa e gargalhar - de dor ou de prazer -, em suma, não podemos compreender Nietzsche sem estar com ele. Ou, como diz tão bem Bataille: **“Ninguém pode ler Nietzsche autenticamente sem ser Nietzsche”**: *“Je suis seul à me donner, non comme un glossateur de Nietzsche, mais comme lê même que lui”*¹. A leitura por demais “fria” e distante de um filósofo como Nietzsche, mais do que obliterar qualquer possibilidade de compreendê-lo, significa medo de caminhar à beira de abismos e vontade de preservar-se; é uma leitura estéril. Então, **não porque queremos**, mas porque assim sentimos,

¹ BATAILLE, Georges, *A Experiência Interior, Nietzsche* (grifo nosso).

“Não somos batráquios pensantes, não somos aparelhos de objetivar e registrar, de entranhas congeladas – temos de continuamente parir nossos pensamentos em meio a nossa dor, dando-lhes maternalmente todo o sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós. Viver – isto significa, para nós, transformar continuamente em luz e flama tudo o que nos atinge; *não podemos agir de outro modo*”².

Sendo assim, e, por tudo isso, tentaremos com alguma serenidade, aquela da qual Nietzsche nos fala no *Nascimento Da Tragédia* - não querendo parecer muito presunçosos -, pensar Nietzsche com aquela “serenojovialidade” grega (a famosa *heiterkeit*). Pois Nietzsche sempre nos arrebatava de tal maneira que não podemos não pensar, afinal, **do que se trata** quando falamos sobre a vida e do “milagre” (com ou sem aspas) de estarmos aqui, agora, vivendo esta vida - que em algum momento se extinguirá -, respirando, enxergando o mundo ao nosso redor, contemplando uma flor, sentindo o gosto de uma fruta, o cheiro da noite que entra pela janela, sentindo o sangue fluir e o pulsar de nosso coração. O sobre-humano é o ápice do pensamento de um filósofo que tocou na única questão que, para nós, vale a pena ser pensada e que raramente vemos um filósofo que se acha digno deste nome tocar, a saber, **o que é a vida e de que se trata quando falamos dela**, mas, sobretudo, independente da “resposta” a que chegemos, o pensamento do sobre-humano nos obriga a pensar sobre **que tipo de vida estamos vivendo!, que tipo de vida estamos levando!** Essas questões por si mesmas nos impelem a escrever porque não sabemos o que é a vida, nem “nos interessa” pois:

Seria preciso ter uma posição fora da vida e, por outro lado, conhecê-la tão bem quanto um, quanto muitos, quanto todos que viveram, para poder em geral tocar o **problema do valor da vida**: razão bastante para se compreender que este problema é um problema **inacessível a nós**. Se falamos de valores, **falamos sob a inspiração, sob a ótica da vida**: a vida mesma nos coage a instituir valores; a vida mesma valora através de nós, *quando instituímos valores (...)* Disto se segue que também essa *contranatureza de moral*, que capta Deus como contraconceito e condenação da vida, é apenas um juízo de valor da vida – **de que vida? De que espécie de vida?** – Mas eu já dei a resposta: da vida declinante, da vida enfraquecida, cansada, condenada. (*Crepúsculo Dos Ídolos, Moral como contranatureza*, seção 5)

² NIETZSCHE, *A Gaia Ciência, Prólogo*, 3, p. 13 (grifos nossos).

Então, quando dizemos não nos interessar pela resposta sobre a vida, dizemos que não nos interessam as respostas prontas, esquemáticas, conceituais, “lógicas”, porque uma resposta é já querer dar um sentido - um querer e uma ânsia “demasiadamente humanos”. As respostas acabadas já em si envenenam a vida porque a aprisionam e congelam num modelo pré-formatado para tranquilizar nossas mentes por demais suscetíveis e frágeis. A vida é trágica - como nos ensina Nietzsche - e sem sentido. Aceitá-la assim nos parece a afirmação suprema cujo clímax é desejar e amar a volta eterna de **tudo** o que nos acontece. Mas, quem tem, digamos, “estômago” para tal atitude? Nietzsche nos diz que só o *übermensch*.

Nossa razão para escrever é impulsionada por nossa perplexidade em percebermo-nos vivos neste mundo, pela alegria de estar vivos, respirar, amar, sofrer, sentir, em resumo, em dar-nos conta do **milagre** de viver uma existência única e irrepetível³. Sei que ao colocar de forma tão pessoal e, talvez, simplória, arrisco-me a parecer um tanto quanto singelo, mas imediatamente sinto-me respaldado pelo próprio Nietzsche para quem “A vida é uma nascente de prazer; mas, onde bebe também a canalha, todas as fontes estão envenenadas”⁴, ou seja, envergonhamo-nos de afirmar que a vida é bela porque virou clichê e porque o tipo “escravo”, ressentido e culpado emporcalhou esta noção, adotando-a de maneira ingênua ou, sintoma terrível de nossa triste época, de forma cínica, debochada e niilista. Mas, se podemos dizer que a vida é bela e magnífica, é justamente por causa de seus terrores e prazeres, e porque existe a possibilidade de sentir a beleza desta única vida sobre a perspectiva fascinante que Nietzsche

³ “No fundo todo homem sabe muito bem que não se vive no mundo senão uma vez, na condição de único [*als ein Unicum*], e que **nenhum acaso, por mais estranho que seja, combinará pela segunda vez uma multiplicidade tão diversa neste todo único que se é [Einerlei]: ele o sabe, mas esconde isso como se tivesse um remorso na consciência (...)** O artista se atreve a mostrar que **todo homem é um milagre** irrepetível; e que o homem é único e original em cada movimento dos seus músculos, e mais ainda, que ele é **belo** e digno de consideração segundo a estrita coerência de sua unicidade, que ele é **novo** e **incrível** como todas as obras da natureza e **de maneira nenhuma tedioso**. Quando o grande pensador despreza os homens, é a **preguiça** destes que ele despreza, pois é ela que dá a eles o comportamento indiferente das **mercadorias fabricadas em série** [*Fabrikwaare*], indignas de contato e de ensino. O homem que não quer pertencer à massa só precisa deixar de ser indulgente para consigo mesmo; que ele siga a sua consciência que lhe grita: ‘ **Sê tu mesmo! Tu não és isto que agora fazes, pensas e desejas** ’ ”. NIETZSCHE, *Schopenhauer como Educador*, seção 1, pgs. 138, 139 (grifos nossos). Fica aí demonstrado que os ataques da filosofia nietzschiana são contra o “homem massa” (termo usado por José Ortega y Gasset), contra o homem medíocre, o tipo “escravo”, o “último homem”, e nunca um ressentimento gratuito contra o homem em geral. Nietzsche o ama e dedica sua filosofia ao seu engrandecimento e sua elevação.

⁴ NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra, Da Canalha*, p.110.

aponta quando reflete e nos mostra uma maneira radicalmente diferente de se estar no mundo, ao ousar pensar num personagem sobre-humano: “**A beleza do super-homem chegou a mim como sombra: que me interessam ainda os deuses !...**”

5.

Em se tratando de Nietzsche, dizer que a vida nos atinge com o impacto de um milagre pode ser delicado por esse termo estar carregado de uma conotação teológica e religiosa e, portanto correremos o risco de mistificar a vida, aliás, mistificação esta absolutamente condenada pelo filósofo⁶. Mas a “religiosidade” a qual nos referimos quando falamos do milagre da vida é uma “religiosidade” (com ou sem aspas) que está impregnada do êxtase inerente ao deus Dionísio⁷, deus da dor e do prazer, celebrador das potências da vida, do prazer de se saber vivo com todos as suas agonias e alegrias e tão caro a Nietzsche. Vejamos a seguir essas surpreendentes afirmações a propósito do entusiasmo (religioso?) de Nietzsche por Dionísio, sobre como a dor e o prazer estão imbricados na antiga Grécia e como isto o fascinava absolutamente.

Fui o primeiro que, para a compreensão do antigo instinto helênico, ainda rico e transbordante, tomei a sério aquele fenômeno maravilhoso, que tem o nome de Dioniso: só é aplicável a partir de um *excesso* de força (...) ⁸.

Na doutrina dos mistérios, a *dor* é sacralizada: as “dores da parturiente” **santificam a dor** em geral – todo o devir e crescer, tudo o que garante o futuro *tem por condição* a dor... Para que exista o prazer de criar, para que se afirme eternamente a vontade de viver, *deve* também eternamente existir a “dor da parturiente”...**Tudo isso significa a palavra Dioniso: não conheço simbolismo mais elevado do que este simbolismo grego, o das Dionísias.** Nele se experimenta **religiosamente** o mais profundo instinto da vida, o do futuro da vida, o da eternidade da vida – o próprio caminho para a vida, a procriação, como o caminho *sagrado*... (...)

A psicologia do orgiástico enquanto sentimento transbordante de vida e de força, **em cujo seio a dor age como estimulante**, deu-me a chave para o conceito do sentimento *trágico* (...)

O dizer sim à própria vida, mesmo nos seus mais estranhos e duros problemas; a vontade de viver, que se alegra com o sacrifício dos seus tipos mais elevados à

⁵ NIETZSCHE, *Ecce Homo, Assim falou Zarathustra*, 8, p. 94 (grifo nosso).

⁶ NIETZSCHE, *Idem, Confrontar Por que Sou Um Destino*, 7, p. 114.

⁷ Paulo César de Souza tece um breve comentário na nota 24, p.22, de sua primorosa tradução do *Além do Bem e do Mal*, onde usa a grafia “Dionísio” em que esclarece que “alguns helenistas preferem a grafia “Dioniso”, que, embora mais próxima ao original, não se aclimatou tão bem à sonoridade do português.

⁸ NIETZSCHE, *Crepúsculo Dos Ídolos, O Que Devo Aos Antigos*, 4, p.117.

própria inesgotabilidade – **eis o que eu chamo dionisíaco**
 (...) **Eu, o último discípulo do filósofo Dioniso (...)**⁹.
 Fui compreendido? - *Dionísio Contra o Crucificado...*¹⁰.

Se, por um lado, o sofrimento é inerente à vida do homem, uma espécie de lei inexorável, ou se ele teria um estatuto distinto sob uma perspectiva humana ainda não experimentada ou pouco conhecida, é então algo que subjaz nossas preocupações e que pretendemos problematizar secundariamente. É a tristeza - a dor no mundo - uma espécie de substrato essencial à existência a partir da qual tudo emana e se justifica? Um dos pilares da filosofia de Nietzsche, pelo menos em seu estágio de crítica da civilização e diagnóstico do niilismo é a questão fundamental sobre o sofrimento e a tristeza. Seria a dor, o negativo, o motor primeiro, a essência - se essência há - ou o *a priori* a partir do qual pensamos, sentimos e, por final, elaboramos ajuizamentos de valor e construímos uma cultura e um mundo? Nietzsche parece ambíguo às vezes: eis o clássico comentário sobre seu pensamento. Mas em nada nos acrescenta nos debruçar sobre ser ele ambíguo ou não. Ao contrário, são as “contradições” de seus ousados *insights* que apontam caminhos e novas perspectivas. Além disso, ele não temia as contradições porque sabia que os termos “opostos” se complementam. O que queremos dizer é que, ao mesmo tempo em que Nietzsche venera a forma grega de sentir a vida através da *sacralização da dor* (*Crepúsculo dos Ídolos, O Que Devo aos Antigos*), encarnada nos rituais dionisíacos, ele nos diz veementemente que a vida é boa, benfazeja e alegre. Seria um grave erro, portanto, para ele, fazer daquilo que denominamos filosofia ou da busca do conhecimento e do saber um consolo e alívio para nos ajudar a viver. Não devemos, segundo ele, utilizar a filosofia para fundamentar e justificar nossas covardias e medos apenas porque ainda não somos capazes de compreender a *necessidade* do sofrimento que forja o “espírito” e traz o júbilo. Quanto a isto, Nietzsche afirma belamente:

Não só na desgraça, como pensam aqueles que derivam a filosofia do descontentamento. **Mas antes na felicidade que é necessário começar, na plena maturidade viril, no fogo dessa ardente alegria, que é a idade adulta e vitoriosa**¹¹.

⁹ *Idem*, 5, p.119 (grifos nossos).

¹⁰ *Idem*, *Ecce Homo*, 9, p.117 (grifo nosso).

Este espanto e perplexidade com a vida que nos invadem e nos animam o corpo, dotando-o de um “espírito”, que possibilita maravilharmo-nos com os fenômenos da natureza e da vida e a contemplá-los, este sentimento da experiência que provoca em nós um sentimento de admiração e infunde um profundo sentimento de reverência e respeito pelo chamado mistério da existência representam, juntamente com nossa paixão intelectual, aquilo que nos conclama à escritura e construção desta tese.

No diálogo entre Teeteto e Sócrates, Platão nos dá um exemplo do espanto como característica daquele que se deixa arrebatado pela vontade de conhecer pela alegria em viver.

Teeteto - E, pelos deuses, Sócrates, meu espanto é inimaginável ao indagar-me o que isso significa; e, às vezes, ao contemplar essas coisas, verdadeiramente sinto vertigem.

Sócrates - Teodoro, meu caro, parece que não julgou mal tua natureza. É absolutamente de um filósofo esse sentimento: **espantar-se. A filosofia não tem outra origem**”(Platão, *Teeteto*, 155 c 8) (grifo nosso).

As questões a respeito da gênese das coisas sempre fascinaram, angustiaram e intrigaram o homem, a começar pela sua própria. A surpresa e a admiração frente ao universo, à vida e ao mundo fizeram do homem, desde o princípio, um animal curioso e insatisfeito com a mera satisfação básica dos seus instintos. Para Nietzsche, ele tornou-se ávido de saber e lançou-se assim a uma louca **busca por uma resposta e verdade que o salvassem**.

Porém, o afeto de perplexidade que extasia e encanta o homem é autêntico e legítimo. Como já nos referimos, Platão e Aristóteles chamaram de espanto, àquilo que consideravam o motivo primeiro que impulsiona e catapulta o indivíduo, em busca das respostas às perguntas que lhe intrigam. É verdade que Nietzsche verá disfarçados neste espanto e admiração a fraqueza, a vulnerabilidade, a insegurança e o terror do dar-se conta da imprevisibilidade e inconstância da vida, mas ele não negaria que viver é verdadeiramente algo espetacular e achamos que concordaria com Platão quando este diz:

Com efeito, foi pela **admiração** [thauma] que os homens começaram a filosofar tanto no princípio como agora;

¹¹ NIETZSCHE, *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*, p.18 (grifo nosso).

perplexos, de início, ante as dificuldades mais óbvias, avançaram pouco a pouco e enunciaram problemas a respeito das maiores, como os fenômenos da Lua, do Sol e das estrelas, assim como da gênese do universo. E o homem que é tomado de perplexidade e admiração julga-se ignorante (por isso o amigo dos mitos [filómito] é de um certo modo filósofo, pois também o mito é tecido de maravilhas); portanto, como filosofavam para fugir à ignorância, **é evidente que buscavam a ciência a fim de saber, e não com uma finalidade utilitária**". (Aristóteles, *Metafísica*, A 982 b) (grifos nossos).

Porém, esse sentimento mesclado de admiração e espanto com o “simples” fato de existirmos se confunde com nossa perplexidade diante do “**enigma**” daquilo que interpretamos como o sofrimento e o horror e, ao mesmo tempo, que podemos experimentar sensações de júbilo e exuberância. Nosso pasmo se debruça sobre a constrangedora e surpreendente constatação nietzschiana acerca da qual ele nos revela ser o sofrimento, a dor, a crueldade, etc., a origem e a fonte de onde fazemos brotar nossos prazeres, alegrias e êxtases. Uma vez que pretendemos pensar juntamente com Nietzsche a possibilidade de vir a existir um outro tipo radicalmente distinto de indivíduo, acreditamos ser esta afinidade entre dor e prazer fundamental e problemática para pensarmos a existência do *übermensch*, desvencilhado desta intrigante aliança entre neurose e prazer que nós, os escravos modernos - segundo Nietzsche -, conhecemos tão bem.

Então, escrevemos movidos pela “questão da vida” - sem entendermos “vida” aqui, como um problema - com suas dores e/ou prazeres e a estupefação com as possibilidades embutidas na percepção do sobre-humano de senti-la e com o qual Nietzsche nos presenteou e nos encarregou - já que não nos deu muitos subsídios intelectuais para tanto - de seguir pensando. Sabemos também que, ao falar de beleza e prazer de viver, arriscamo-nos a um certo polianismo, mas o que fazer!? O que queremos dizer é, assim como Nietzsche assim concebia, que a beleza é um sentimento vital, interior, algo que é inerente a nossa força anímica e não um atributo de um objeto em si ou do que quer que seja exterior ao indivíduo. A adjetivação das coisas do mundo está eivada da visão ressentida e melancólica do homem piegas e fraco, e é produto da consciência culpada que projeta no mundo aquilo que ela quer e **precisa ver**.

Nada é mais condicionado, digamos *mais limitado*, do que o nosso sentimento do belo. Quem o quiser pensar, desligado do prazer do homem no homem, imediatamente perde a base e o solo debaixo dos pés. **O “belo em si” é unicamente uma palavra, não um conceito. No belo o homem põe-se como medida da perfeição; em casos seletos, adora-se a si mesmo.** Uma espécie não *pode* senão deste modo dizer sim apenas a si mesma. O seu instinto *mais ínfimo*, o de **autoconservação** e de auto-expansão. Irradia ainda em tais sublimidades. **O homem crê que o próprio mundo está repleto de beleza – esquece-se de si como causa de tal beleza (...)** No fundo, o homem espelha-se nas coisas, **considera belo tudo o que lhe devolve a sua imagem: o juízo “belo” é a vaidade da sua espécie...** Ao cético pode uma pequena suspeita sussurrar ao ouvido a pergunta: embeleza-se realmente o mundo por o homem o tomar como belo? **Ele humanizou-o e é tudo...**¹².

Logo a seguir, na seção seguinte, Nietzsche nos dá sua definição do que é o **feio**. Assim como a beleza é uma sensação, a sensação de alegria emana da plenificação dos impulsos, da *vontade de potência* no ato e processo de criação - que será um atributo fundamental do *übermensch* -, o que chamamos “feio”, para Nietzsche, é um sintoma de decadência fisiológica que vai produzir ajuizamentos de valor depreciativos sobre a vida.

Nada é mais feio do que o homem degenerado - assim se circunscreve o domínio do juízo estético. - **Fisiologicamente falando, toda a fealdade debilita e perturba o homem.** Lembra-lhe a queda, o perigo, a impotência; faz-lhe efetivamente perder força. Pode medir-se o efeito do feio com o dinamômetro. Onde quer que o homem esteja oprimido, suspeita da proximidade de algo “horível”. **O seu sentimento de poder, a sua vontade de poder, a sua coragem, o seu orgulho - decaem com o feio, aumentam com o belo...** Tanto num como no outro caso, *tiramos uma conclusão*: as premissas para isso acumulam-se em plenitude monstruosa **nos instintos. O feio compreende-se como indício e sintoma da degenerescência: o que remotissimamente lembra a degenerescência suscita em nós o juízo “feio”. Todo o sinal de esgotamento, de peso, de**

¹² NIETZSCHE. *Crepúsculo dos Ídolos, Incursões de Um Extemporâneo*, seção 19, p. 81 (grifos nossos).

velhice, de cansaço, toda a espécie de não-liberdade como a crispação e a paralisia, sobretudo o odor, a cor, a forma da dissolução, da putrefação, e mesmo nas suas rarefações simbólicas – tudo isso suscita a mesma reação, o juízo de valor ‘feio’. Daí surge o ódio: que é que o homem aí odeia? Nenhuma dúvida existe: a decadência do seu tipo. Odeia em nome do instinto mais profundo da espécie; neste ódio há estremecimento, previsão, profundidade ”¹³.

Mas se a sensação de dor é anterior à sensação de prazer, esse nos parece ser um daqueles grandes paradoxos da filosofia de Nietzsche, pois em *O Nascimento da Tragédia* ele mostra como a impressão primeira dos gregos trágicos sobre a vida era de terror e dor, em outras palavras, era dionisíaca. Se por um lado Dionísio é símbolo de exuberância e alegria, é também e, sobretudo, símbolo do horror e da crueldade e violência cegas presentes na natureza, logo, na vida dos indivíduos. A dor, o negativo, segundo a visão dionisíaca de mundo, seria a essência da vida, aquilo de que a vida é feita, e só num segundo momento a vida poderia ser transmutada em celebração e alegria, graças aos rituais e mitos que justificassem esta primeira terrível e paralisante compreensão das coisas. Nietzsche se questiona sobre as origens do prazer e da alegria de viver dos gregos trágicos para compreender como eles conseguiram não se tornar religiosos - no mal sentido - e sucumbirem a uma visão de mundo pessimista. Somente num segundo momento, *a posteriori*, então, haveria a celebração da vida e o sentimento que Nietzsche denomina ***pessimismo da força***. Nietzsche faz uma série de indagações para descobrir o que revelaria aquela propensão grega ao martírio:

Sim, o que é dionisíaco? (...) Uma questão fundamental é a relação dos gregos com a dor, seu grau de sensibilidade - esta relação permaneceu igual ou se inverteu? -, aquela questão de se realmente o seu cada vez mais forte *anseio de beleza*, de festas, de divertimentos, de novos **cultos brotou da carência, da privação, da melancolia, da dor**¹⁴.

A brutal e paralisante visão da vida, segundo nos conta Nietzsche sobre o

¹³ *Idem*, p. 82 (grifos nossos).

sátiro Sileno, de que a vida no fundo não vale a pena ser vivida, de que tudo é em vão, é uma surpreendente e chocante percepção das coisas, principalmente vinda de um povo que, segundo o olhar de Nietzsche, teve de, com muito esforço - para não sucumbir a uma filosofia ou a uma religião consoladora que lhes socorresse a não desesperar com tal idéia -, extrair uma força e uma alegria de viver extraordinária justamente de uma terrível compreensão do mundo. Dizia a lenda de Sileno ao grego que “o melhor de tudo seria não ter nascido, não *ser, nada* ser. Depois disso, porém, morrer o mais rápido possível é o mais recomendável”¹⁵.

Será o pessimismo necessariamente o signo de declínio, da ruína, do fracasso, dos instintos cansados e debilitados – como ele o foi entre os indianos, como ele o é, segundo todas as aparências, entre nós, homens europeus “modernos”? **Há um pessimismo da *fortitude* ? Uma propensão intelectual para o duro, o horrendo, o mal, o problemático da existência, devido ao bem-estar, a uma transbordante saúde, a uma *plenitude* da existência? Há talvez um sofrimento devido à própria superabundância? Uma tentadora intrepidez do olhar mais agudo, que *exige* o terrível como inimigo, o digno inimigo em que pode pôr à prova a sua força? Em que deseja aprender o que é “temer”? O que justifica, justamente entre os gregos da melhor época, da mais forte, da mais valorosa, o mito *trágico*? E o descomunal fenômeno do dionisíaco?**¹⁶.

Quando dizemos que a questão mais preocupante para nós é a dor e só depois nos referimos à alegria, quer dizer, quando colocamos a dor – seguindo os passos de Nietzsche – como originária e o sentimento de bem-estar e plenitude que chamamos de alegria como um segundo momento, posterior a uma percepção negativa da vida, é porque já aí está embutida uma questão importantíssima e axiológica da filosofia e da psicologia nietzschiana e parte enorme de nossa paixão e angústia. Será a dor uma espécie de “essência” (para usarmos um termo que Nietzsche desprezava, já que as coisas estão por se fazer a cada instante e, como seu “mestre” Heráclito pensava, não há propriamente uma essência inerente às coisas, mas um vir-a-ser constante), aquilo que primeiro se manifesta aos nossos sentidos e que avaliamos como negativo antes mesmo de qualquer

¹⁴ NIETZSCHE, *O Nascimento da Tragédia, Tentativa de Autocrítica*, 4, p.17.

¹⁵ *Idem*, p. 36.

satisfação de prazer, alegria ou plenitude!? Por que se o sentimento de desprazer e dor for aquilo primeiro que se manifesta a nossa percepção, nosso primeiro afeto, uma espécie, digamos, de “**essência**” da vida, **aquilo mesmo sem o qual a vida não seria possível** e da qual ela, a vida, seria feita, temos aí então uma grande questão e um problema para a filosofia e psicologia em Nietzsche. Sabemos que, segundo Nietzsche (e veremos isso mais adiante), o sofrimento na vida, quando não tem como origem nossas neuroses e patologias mentais, então é bem-vindo, é inerente à condição humana e é mesmo aquilo sem o que o júbilo e a sensação de satisfação não são possíveis. Porém, há um limite de suportabilidade pelo homem e, sobretudo, indagamo-nos, intrigados, **se há mesmo um substrato negativo na existência ou tudo não passa de interpretações engendradas pela nossa má consciência**. Gostaríamos de tentar responder como o *übermensch* lida com a dor, que “caminhos” ele toma para enfraquecê-la e superá-la, a tal ponto que, nenhum afeto negativo seria mais um inibidor e um entrave à afirmação trágica da vida e da aplicação de suas potências criadoras.

Se o sentimento de satisfação e contentamento é posterior a uma percepção negativa da vida, então teremos aí uma questão cara a Nietzsche, e nosso mais importante obstáculo para pensarmos o sobre-humano, ou seja, se quisermos conceber um indivíduo radicalmente distinto daquele que experimentamos e conhecemos, e que é capaz de existir sem a necessidade do queixume e do consolo, o *übermensch* deve ser pensado como a alternativa nietzschiana para uma intensidade onde os afetos de tristeza originários do ressentimento e da culpa não mais contaminam a existência e movimentação no mundo.

Precisamos dizer também que, acompanhando esta idéia do sofrimento, acompanha-a também a questão da alegria, do prazer. Quando decidimos escrever sobre a possibilidade de um “ser-acima-do-humano”, em Nietzsche, pensamos, sobretudo, na possibilidade da superação da má consciência, que, no fundo, é o que engendra o sofrimento que a vida parece acarretar. Superação esta que abre caminho para uma existência livre de medos e angústias, obviamente não das angústias e sofrimentos que - paradoxo dos paradoxos - são a própria “essência” e mola de nossa força, beleza e da alegria de criar, mas daqueles de ordem patológica. Por causa de uma longa história de introjeções, desenvolvemos

¹⁶ *Idem*, p.14..

inúmeras aberrações psicológicas, com as quais nos acostumamos perigosamente, a ponto de “aprender” a amá-las e a acalentá-las.

Considerações sobre a tradução do termo *übermensch*

A dificuldade inicial em acertar a melhor, a mais fiel ou aproximada tradução de um conceito filosófico é o primeiro obstáculo, o primeiro passo para não incorrerem em graves equívocos que implicariam no comprometimento da própria estrutura e fundamento daquilo mesmo que pretendemos problematizar. Se nossa tradução desta idéia filosófica estiver equivocada, todo nosso desenvolvimento, raciocínio, especulação e conclusão futuras levadas a cabo estarão também comprometidas e obliteradas.

Procurar a mais apropriada tradução já é entrar ou estar no tema, pois traduzir corretamente é já compreender muito do que o termo significa e pode fornecer importantes elementos para a análise do conceito, sobretudo neste caso onde não há uma idéia final, acabada ou conclusiva com o que quer Nietzsche dizer com o seu *übermensch*. Como o pensador provocador e polêmico que Nietzsche é, é da natureza de sua filosofia, ou melhor, é próprio de seu radicalismo metafilosófico produzir entre seus mais ou menos consagrados comentadores as mais diversas interpretações sobre seus principais conceitos. Talvez o mais polêmico desses conceitos, o que mais controvérsia gerou e mais ajudou a identificar Nietzsche com movimentos políticos de extrema-direita ou esquerda e mais alimentou a imaginação de leitores fanáticos e ávidos de um novo deus ou um novo ídolo, foi o que ficou vulgarmente conhecido como o de “super-homem”. Mas na idéia de ‘super-homem’ ou mais corretamente, *übermensch*, estão implícitos - como veremos - dois outros conceitos igualmente problemáticos que são o de vontade de potência e o de eterno retorno. Esses dois últimos conceitos, por mais complexos e problemáticos que sejam, não atraíram para junto de si tanta bobagem na imaginação fantasiosa e delirante de leitores preguiçosos - inclusive entre phds - como a infeliz tradução portuguesa de *übermensch* para “super-homem”, na língua inglesa *superman*, e na espanhola, *superhombre*.

O conceito nietzschiano do “super-homem” (vamos traduzi-lo desta

maneira por enquanto), desperta uma tal polêmica que a equivocada tradução desta idéia pode prejudicar enormemente uma compreensão mais exata das intenções de Nietzsche, como num avião em que um “pequeno” engano no cálculo de alguns poucos graus pode afastar o piloto quilômetros de sua rota original e comprometer seu voo.

Procurar compreender desde o início como podemos traduzir o termo *übermensch* aponta já para as questões que teremos de enfrentar para tratar de nosso tema, ou seja, o que quis o filósofo significar e do que trata ele quando compôs este personagem; Qual é a ética implícita no que uma tradução mais cômoda, porém, problemática, acostumou-se a chamar de “super-homem”? Vejamos o que alguns comentadores do filósofo ou mesmo alguns de seus tradutores renomados têm a nos dizer sobre o entendimento do termo *übermensch*.

Rubens Rodrigues Torres Filho, em nota muito rica, esclarece-nos enormemente sobre a sua opção por “além-do-homem” o que não nos satisfaz, mas assim ele escreve no comentário léxico da obra *Os Pensadores*:

O termo “além-do-homem” - *Übermensch* - é de origem medieval, calcado sobre o adjetivo *übermenchliles* (sobre-humano), no sentido inicial de ‘sobrenatural’ - em latim *humanus, homo*, etimologicamente: o nascido da terra (de *humus*), cf.: “mas que se sacrificam à *terra*, para que a terra um dia se torne do “além-do-homem.” (prólogo 4 do *Zarathustra*) p.228. Firmado pela tradição literária (Goethe, Herder) e renovado radicalmente por Nietzsche: ser humano, que *transpõe* os limites do humano. Na falta de uma forma como, p.ex., “sobre-homem” (como em francês *surhomme*), não há equivalente adequado em português, mas este próprio prólogo 4 dá o contexto e a direção em que deve ser lida a palavra – “travessia, passar, atravessar” – Para “travessia”, o texto traz apenas a preposição *Hinüber*, como que solta no ar; *Übergang* (de *übergehen*, passar sobre) está em simetria com *Untergehen*, ir abaixo, declinar, sucumbir, que se usa também para o acaso dos astros) – numa tradução analítica, se diria: uma “ida-por-sobresobre” e uma “ida-abaixo”; para “atravessar”, *hinübergehen*. Todos estes jogos com *über* (sobre, por sobre, para além) são demarcatórios quanto ao sentido do prefixo em *Über-mensch* ¹⁷.

Roberto Machado, no seu livro *Zarathustra, tragédia nietzschiana* (p.45), também em nota bastante interessante, faz sua opção pelo termo “super-homem”

justificando-o como a melhor tradução para *Übermensch*, primeiro, porque “ ‘super’ também tem o sentido de ‘sobre’ – que é outra possibilidade de traduzir *über* – como se nota, por exemplo, pela tradução do termo freudiano *Überdeterminierung* por ‘superdeterminação’ e ‘sobre-determinação’, segundo porque é importante manter a correspondência entre ‘super-homem’ (*Übermensch*), ‘super-herói’ (*Über-Held*), ‘superespécie’ (*Über-Art*) ‘superar’ (*überwinden*), ‘auto-superação’ (*Selbstüberwindung*)...para indicar mais claramente que o sentido de ‘super-homem’ é dado pelo processo de auto-superação. Terceiro porque é mais eufônico do que ‘sobre-homem’, ‘supra-homem’, ‘além-do-homem’, outras possibilidades corretas de tradução. Quarto, porque o termo já tem um uso consagrado na língua portuguesa”.

Walter Kaufmann esclarece que, para se compreender a concepção nietzschiana do super-homem, deve-se entender a diferença de sentido no uso do prefixo *über*, tanto para “sobre-homem”, como para “superação”. Continua Kaufmann: “O primeiro discurso de Zaratustra para o povo, começa com as palavras: ‘Eu vos ensino o *Übermenschen*. O homem é algo que deve ser superado [*überwunden*]’. Deve-se conceber o nosso verdadeiro *self* como algo que não repousa nas profundezas, escondido, mas, bem acima [*über dir*]”. KAUFMANN, Walter. *Nietzsche, Philosopher, Psychologist, Antichrist* (p.309).

É preciso tomar cuidado em não transformar uma discussão filosófica numa questão sobre a vaidade dos filósofos, e já estamos também preocupados em não resvalar em preciosismo e em discussões acadêmicas estereis que tanta repulsa causavam ao próprio Nietzsche, fazendo-o dizer que “há muitas coisas em relação às quais é desnecessário falar: é evidente que o ‘literato’ me enoja (...) O meu mais paciente e suave nojo diante da arrogância dos nossos metropolitanos, a limpam-se com formação acadêmica, dos nossos intelectuais”¹⁸. Além de certas discussões que se prestam mais à função de revelar nossas incompetências ilustradas e nossas vaidades, por um lado, e, por outro, disfarçam nossos medos e covardias em atacar as questões que realmente fazem a diferença e fogem desta maneira do enfrentamento viril que o pensamento de Nietzsche exige que tenhamos com a vida. Estamos ansiosos e ávidos para entrarmos no tema desta

¹⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Os Pensadores, Obras Incompletas*, p.228.

tese que tanto nos mobiliza, intriga e apaixona; porém, algo nos incomoda e queremos insistir nesta discussão e examinar o que tem a nos dizer outros dois comentários muito importantes.

O tradutor Flávio R. Kothe, em comentário muito provocador em dois prefácios aos fragmentos póstumos de Nietzsche, vai se colocar absolutamente em oposição aos comentários acima, porém, sua observação é também muito instigante e esclarecedora para aqueles que levam a sério um pensamento radical como o de Nietzsche e precisam sempre ver as coisas em várias perspectivas. Assim, ele diz o seguinte:

Übermensch, costumava ser traduzido como “super-homem”, com toda a sua conotação de gíbi e nazismo; mais recentemente tem sido traduzido por “além-do-homem”. Ora, para essas últimas alternativas a expressão original teria de ser *Jenseitsmensch*, **o que não está no original** (o que o autor queria mesmo era acabar com essa pretensão de um “além”, metafísico). “Über” não significa aí nem “super”, nem “além do” e nem “sobre”. A tradução mais próxima seria “supra-homem” ou “ultra-homem”, a indicar um ser virtual, capaz de transcender o ser humano que existiu até hoje na história enquanto pré-história do homem que deveria ter sido e não foi jamais

¹⁹

Ainda, estendendo sua ácida, porém, pertinente colocação, Flávio continua seu comentário no longo prefácio a *Fragmentos do Espólio*, inclusive refazendo e corrigindo seu próprio comentário anterior sobre a expressão “ultra-homem” e “supra-homem”.

O termo *Übermensch* tem sido traduzido como “super-homem”, o que é uma **aberração**, pois ele não deveria ser a repetição ampliada do homem, e sim sua total superação. Não basta, no entanto, corrigir isso para “ultra-homem” ou “supra-homem”. A definição se dá aí pelo masculino, o que não é garantia de nada. No original tem-se *Mensch* e não *Mann*. Neste manuscrito fica clara a distinção. Não se trata de uma divisão entre masculino e feminino. As mulheres não estão excluídas desse “projeto religioso” de Nietzsche, ainda que ele suspeite do rancor

¹⁸ NIETZSCHE. *Fragmentos Póstumos 2* (180) *in* *Fragmentos Finais*, p.31. Tradução de Flávio R. Kothe a partir do último período criador de Nietzsche, entre o outono de 1885 e janeiro de 1889, e baseia-se na obra de Giorgio Colli e Mazzino Montinari.

¹⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos Finais*. Seleção, Tradução e Prefácio de Flávio R. Kothe, p. 19 (grifo nosso).

e da vontade das mulheres de serem “iguais” aos homens (ele dizia que o movimento feminista só conseguiu duas coisas: efeminar os homens e masculinizar as mulheres). O *Übermensch* é a proposta de um **ser-acima-do humano**, a ultrapassagem do ser humano através do ser humano ²⁰.

Flávio entra em clara discordância com Roberto Machado - a nosso ver, uma discordância bastante saudável e interessante, sobretudo para nós, leitores apaixonados de Nietzsche e suspeitos de certas unanimidades - principalmente quando nos diz que “o termo super-homem é uma aberração”, e na continuação de suas observações, quando Flávio afirma que “há erros básicos de traduções do alemão correntes no Brasil e a psicanálise, ao tratar de ‘Überdeterminierung’, fala em ‘sobredeterminação’, quando o mais correto seria ‘hiperdeterminação ou plurideterminação, a múltipla determinação de um elemento” ²¹. É bom saber que pensadores tão renomados podem entrar em contradição sobre conceitos-chave de um dado filósofo, mas, ao contrário do que nos diz Roberto Machado, na citação acima, sobre a consagração de uma tradução como já sendo o suficiente para endossar como definitivo um determinado conceito, tendemos a simpatizar com Flávio quando este nos alerta para o fato de que **“sutis enganos filosóficos encenam e multiplicam graves erros filosóficos. Traduzir é interpretar (...) Em detalhes filológicos afloram macroestruturas filosóficas e não é porque o erro foi cometido em Paris e/ou aceito em grandes editoras e universidades que ele deixa de ser um erro”** ²².

Em nossa visão, esta lembrança de que algo, por ser consagrado, não é prova de endosso de nenhum conceito, é extremamente pertinente, e, aliás, uma

²⁰ *Idem* p. 10 (grifos nossos).

²¹ *Idem* p. 14.

²² *Idem*, pgs. 24,14 (grifos nossos). É extremamente digna de nota a continuação aqui do comentário de Flávio R. Kothe sobre a questão da tradução: “A própria editoração envolve interpretações, a começar com a opção por determinado texto como relevante. Se toda tradução é interpretação, toda interpretação também é tradução, mas nenhuma deveria ser exegese no sentido de uma imposição dos próprios pré-conceitos: ambas deveriam, no entanto, forçar o conceito a ir além de si mesmo para poder captar com menos inverdade o seu objeto. O contexto pode levar à necessidade de traduzir de diferentes modos a mesma palavra ou expressão verbal. Às vezes há dois ou três sentidos diferentes contidos no original: é preciso fazer com que eles apareçam na tradução: atrofiar um tende a hipertrofiar o outro. Quando uma interpretação se revela problemática, deve-se procurar o máximo acerto levando em conta o contexto e o direcionamento da obra, a ponto de adivinhar-se o que o autor diria. Ainda que evitando as meras fantasias, é preciso explorar os potenciais da língua para a qual se traduz, até imaginando como o autor iria aproveitá-los. Assim podem ser recuperados certos malabarismos estilísticos do original. **Fácil**

atitude típica do próprio Nietzsche, para quem o consenso é sempre suspeito. Mas para tratarmos aqui especificamente do conceito em questão, trazemos mais um comentário final, porém, extremamente esclarecedor e que deverá nos bastar e ajudar muito a compreender o conceito de *übermensch* nietzschiano. Em nossa busca de uma melhor compreensão do conceito de Nietzsche, encontramos em Bernd Magnus uma visão peculiar e muito interessante, pois ele simplesmente percebe que traduzir o conceito do alemão para a sua própria língua descaracteriza, empobrece e compromete o que Nietzsche tinha em mente, e prefere manter o termo *übermensch*, em vez de tentar traduzi-lo para o inglês. Ele, de certa forma, concorda com Flávio Kothe e contrapõe-se a Walter Kaufmann e aos comentadores e tradutores brasileiros como Roberto Machado e Rubens Rodrigues acerca do prefixo “*uber*”. Ele nos diz que traduzir este prefixo como “sobre” – “*over*” em inglês -, é insatisfatório e não acrescenta muito. Ele se explica jocosamente no início, mas se aprofunda e nos dá uma ótima indicação de como compreender o termo. Vejamos o que ele tem a nos dizer:

Eu continuarei a utilizar o termo em alemão *Übermensch* em vez de “super-homem” ou “sobre-homem”, mas não simplesmente por questões de pedantismo. A palavra “super-homem” me parece ter sido consagrada, pelo menos a princípio, por Clark Kent e Louis Lane; e eu não posso de jeito nenhum imaginar o *übermensch* de Nietzsche saltando por sobre altos edifícios num único pulo. “Sobre-homem” - “overman” -, por outro lado, adiciona o radical “sobre” – “over” - ao termo “homem” e comunica a idéia de alguns superlativos que dão a impressão de “super” como nos exemplos seguintes: “superhumano”, “sobrenatural”, “supralunar”, “superego”, “supernova”, “superpoderes”, “supersubstancial”, “supersutil” e “*superstar*”. “Sobre-homem”, incidentalmente, nunca encontrou espaço para um uso comum como ‘super-homem’, apesar do fato de que faz mais de setenta anos que Walter Kaufmann adotou a cunhagem de Thomas Common e das primeiras traduções de Nietzsche. O prefixo “over” parece servir bem para “overhearing” (ouvir além do necessário ou por acaso), “overlooking” (sobreleva, supervisionar) “overpassing” (excede, ultrapassar), “overworking” (sobrecarregado de trabalho), “oversleeping” (dormir além da hora); mas ainda parece dissonante este prefixo quando é usado em conexão com descrições de qualidades louváveis das pessoas. Finalmente, eu prefiro o uso em alemão *Übermensch* por duas razões adicionais: primeiro como uma expressão quase técnica - como a palavra alemã

seria colocar após o termo português aquele termo alemão sobre o qual paira alguma dúvida: seria, porém, deixar de resolver o problema ”.

Dasein que agora em inglês é lugar comum assim como em *daseinsanalysis* - e segundo porque **a palavra não é sexista em alemão**. É irônico talvez que Nietzsche freqüentemente considerado como **arqui-misógino**, usa-se o termo *Übermensch*. Termo este que pode ser aplicado igualmente com a mesma força lingüística tanto para os homens quanto para as mulheres ²³.

As considerações acima de Flávio K. e Bernd M. foram decisivas e nos parecem dizer muito acerca do conceito que pretendemos trabalhar. Trilhando os caminhos dos últimos dois comentários, vamos nos referir ao “super-homem” durante nosso trabalho como o *übermensch*, o sobre-humano ou “o ser-acima-do-humano”. Achamos que o termo “super-homem” ou “além-do-homem” poderiam, por motivos de facilitação - pois já estão consagrados no meio acadêmico - serem mais convenientes, porém, o primeiro nos parece ter uma forte conexão com a idéia que os nazistas ajudaram a construir de Nietzsche como o supra-sumo da afirmação subjetiva do indivíduo que, no fundo, precisando afirmar-se de modo voluntarioso, torna-se o melhor representante do tipo ressentido, do tipo fraco. O “além-do-homem” nos traz à mente uma forte imagem religiosa, a idéia de algo a transcender. É verdade, o *übermensch* é algo que vem a transcender o homem, mas permanece no âmbito da terra e é absolutamente imanente a ela. Ele é o “sentido da terra”, como nos diz Nietzsche no *Prólogo ao Zarathustra*.

Devemos ainda confessar uma forte queda pela expressão “super-homem” como estando mais alinhada a certas impressões atávicas que trazemos. Impressões estas presas a certas categorias, categorias morais e niilistas que denunciam nossa fraqueza e covardia ao sonharmos com um tipo que nos supere não para fazer vir à luz algo inaudito que nos inspire e ajude a nos liberar das forças imobilizadoras do ressentimento e da culpa, mas um personagem que potencializa justamente aqueles aspectos psicológicos e morais do homem que a Nietzsche tanta repulsa causavam. Como a expressão “super-homem” está por demais impregnada da idéia de que “super” aí seja fazer potencializar aqueles aspectos morais e psicológicos que formaram os pilares da cultura e da civilização que, segundo Nietzsche, têm de ser superados e não melhorados, implodidos e não salvos, percebemos o comprometimento do termo “super-homem” com a noção de um Nietzsche reformista que acreditaria que a situação de indigência em que se

²³ Magnus, Bernd. “*Perfectability and Attitude in Nietzsche’s Übermensch*.” In *Review of Metaphysics* 36 (March 1983): 663 – 60.

encontra o homem tem por causa o fato de não terem sido levados a cabo até as últimas conseqüências os valores morais vigentes que ajudaram a construir as bases da cultura e da civilização. Mas o reformista, na realidade, não tem a força, a coragem ou simplesmente não está aparelhado – isto é, nele a má consciência sobrepõe-se aos seus instintos - para conceber algo inteiramente distinto e, portanto, ele quer consertar o que não lhe parece bom. Ele quer salvar a todo custo aquilo que, no fundo, já atingiu seu ciclo e sua saturação, mas ele precisa ignorar este fato, contanto que a maquinaria possa funcionar sem atritos. Mas para Nietzsche, o que se trata na verdade é da demolição e implosão de todos os ideais que entravam e obliteram o florescimento de um tipo superior, cuja manifestação se expressa por meio da criação ou, como diz Michel Haar, o “super-homem” é a encarnação de um “modelo artístico”²⁴. Por essas razões e endossando os comentadores citados, e ainda nos arriscando a parecer pedantes, consideramos mais apropriado - mas também mais respeitoso com as intenções de Nietzsche - manter em nosso trabalho, em vez do “consagrado” mas delicado epíteto de “super-homem”, chamar o complexo, delicado e rico personagem que Nietzsche nos legou e presenteou, com o mesmo termo que ele cunhou em alemão.

Ocasionalmente nós usaremos a tradução que nos pareceu mais simpática e fiel à idéia do filósofo, o “ser-acima-do-humano”, expressão de Flávio K., mas poderemos usar também “sobre-humano” que, a nosso ver, não violenta tanto as intenções de Nietzsche e, obviamente, mantém-nos fiéis às expressões “além do homem”, “super-homem” ou qualquer outra, quando estiver inserida dentro das citações de outros autores.

O *übermensch* é o fio condutor de nossa tese e pretendemos mostrá-lo como tendo sido concebido por Nietzsche como o personagem “anti-ideal” *par excellence*. O personagem sobre-humano é rico em contradições e ambigüidades, mas não foi concebido por Nietzsche para ser pensado como uma utopia jamais alcançada, um mito entre outros fabricados pelo imaginário pequeno-burguês do “último dos homens” para ajudá-lo a entorpecer-se em sonhos de fuga deste mundo cheio de dores em busca de horizontes perdidos. O ser-acima-do-humano não está inscrito no céu simbólico do ideal, mas, como uma realidade plausível, é aquilo mesmo do que se trata para Nietzsche a vida quando ele pensa um ser mais

²⁴ HAAR, Michel, *Heidegger e o Superhomem*, trad. Ana Sacchetti, p.2.

pleno, mais leve, inocente e alegre. Nada mais concreto do que o *übermensch* que Nietzsche imaginou. É isso, porém, o que gostaríamos de poder mostrar a seguir.